

**Espectros da História e da Razão
Revolucionária em *O manual dos
inquisidores*,
de António Lobo Antunes**

José Luís Giavanoni Fornos¹

Resumo: O presente trabalho investiga o romance **O manual dos inquisidores**, de António Lobo Antunes, considerando os efeitos do Salazarismo, do colonialismo e da Revolução dos Cravos na construção da identidade das personagens. Tais acontecimentos balizam a ficção portuguesa pós-25 de Abril que, mediada pelas categorias da memória e da história, expõe as feridas do corpo nacional. Com efeito, o livro de Lobo Antunes apela a um discurso paródico, assinalado pela retórica da ironia.

Palavras-chave: Romance Português; História; Revolução.

**History and Revolutionary Reason spectra in
The Manual of Inquisitors,
by António Lobo Antunes**

Abstract: This study investigates the novel *The Manual of Inquisitors*, by Antonio Lobo Antunes which are considered the effects of Salazarism, colonialism

¹ Professor Doutor do Instituto de Letras da Universidade Federal de Rio Grande, Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em História da Literatura da mesma Universidade.

and the Carnation Revolution in the construction of the identity of the characters. Such events delimit Portuguese fiction post-April 25 that mediated by the categories of memory and history, exposes internal problems of the national population. Indeed, the book calls for a Lobo Antunes parodic discourse, marked by the rhetoric of irony.

Keywords: Portuguese Romance; History; Revolution.

**Los espectros de la Historia y de la Razón
Revolucionaria en la novela
O manual dos inquisidores, de António Lobo
Antunes**

Resumen: El presente trabajo investiga la novela **Manual de inquisidores**, de António Lobo Antunes, considerando los efectos del Salazarismo, del colonialismo y de la Revolución de los Claveles en la construcción de la identidad de los personajes. Esos acontecimientos balizan la ficción portuguesa posterior al 25 de abril que, mediada por las categorías de la memoria y de la historia, expone las heridas del cuerpo nacional. Efectivamente, el libro de Lobo Antunes recurre a un discurso paródico, marcado por la retórica de la ironía.

Palabras clave: Novela Portuguesa; Historia; Revolución.

Introdução

O presente trabalho analisa o romance **O manual dos inquisidores** (1996), do escritor português António Lobo Antunes, tendo por objetivo a investigação dos aspectos históricos que marcaram a vida nacional portuguesa no século XX. Igualmente se debruça sobre o processo de construção narrativa, observando as estratégias adotadas pelo autor. Nesse caso, a paródia, assinalada pela ironia, e a polifonia são os recursos discursivos na configuração do texto cuja intenção está em avaliar o corpo nacional.

Organizado numa rotatividade de vozes embriagadas pelo delírio e amargura em vista do contexto histórico vivido e das escolhas trilhadas, **O manual dos inquisidores** narra os descompassos de sujeitos lançados em contínuos desastres, em vertiginosa queda infernal. As personagens são surpreendidas pateticamente pela fugacidade do poder, da fortuna e do tempo. Lobo Antunes aplica-se na cirurgia do corpo nacional, estilhaçado pela miséria e desencanto.

O romance de António Lobo Antunes e a história de Portugal

Os efeitos do salazarismo, da guerra colonial e da Revolução dos Cravos, bem como situações do tempo presente marcam a trajetória das personagens de Lobo Antunes. Os fragmentos colhidos, emaranhados temporalmente, expressam uma totalidade histórica, culminando na derrota coletiva de um povo. As vítimas

da ignorância, da subserviência, da pobreza e da violência dividem o espaço social com os seus algozes, encenando um espetáculo de ruína, promovido com ironia, derrisão e mordacidade.

O livro chama a atenção para a personagem Francisco, expoente ministro do primeiro escalão do governo Salazar. A figura catalisa em torno de si os comentários das demais personagens, influenciando o rumo de suas vidas. Em que pese a Revolução dos Cravos oportunizar a queda de Francisco, este continua a irradiar os males de sua conduta sobre as gerações seguintes.

A narrativa investiga igualmente a opulência de uma burguesia citadina, seus preconceitos e a irrefreável ganância, comprometendo laços familiares em nome da ambição econômica. Tais aspectos estão sinalizados nas personagens Sofia, sua mãe e o industrial e banqueiro Pedro. Em seus comentários, manifestam o crescente temor pela presença de negros retornados da África, deploram a imundície dos produtos e pessoas de certas regiões do País e a ingratidão e arrogância dos pobres em Lisboa.

A crítica à gula material culmina no relato de Pedro, tio de Sofia, quando informa, num cinismo exemplar, as manobras realizadas para conquistar a direção da empresa da família. Corrompendo advogados, médicos, funcionários e parentes, sela sua vontade econômica assassinando espetacularmente o próprio pai. Ironia e humor grotesco cobrem o episódio.

Ainda que haja pressão econômica da personagem, as demais colaboram, mostrando-se igualmente deploráveis em suas ações, apontando para um quadro de desagregação moral generalizada. A situação

materializa a identidade das personagens que se vêm como seres impotentes, dominados pelas condições históricas adversas. Mostram-se, ao mesmo tempo, incapazes de superá-las. A prisão do empresário Pedro, durante o golpe de Abril de 1974 pelos militares revolucionários, atíça ainda mais a voracidade e o preconceito da personagem.

A queda da ditadura e a emergência da Revolução dos Cravos, somadas a um quadro social em declínio económico, compõem a moldura dos relatos em que sonhos e desejos são destronados por uma carga intempestiva de acontecimentos decepcionantes cujas consequências levam ao sofrimento e ao delírio, alternativas para as perdas e os danos causados pela História.

História e delírio misturam-se nos depoimentos. Consequência da aventura autoritária e colonialista, os dois signos entrelaçados traduzem a trajetória da nação, embriagada pelo conservadorismo político e religioso e por uma classe dominante sem escrúpulo, a que se alia a um passado bastante distante visto somente com exuberância.

Nesse contexto, solidariedade e esperança soam como escárnio. As vozes falam apenas de corpos²

² Como base nos estudos de Merleau-Ponty, Ricoeur destaca a figura do corpo como o mediador mais originário entre o curso da vivência e a ordem do mundo. Tal mediação precede todos os conectores de nível histórico. De acordo com o filósofo francês, o "corpo - ou melhor, a carne - desafia a dicotomia do físico e do psíquico, da exterioridade cósmica e da interioridade reflexiva." É sobre o território de uma tal "filosofia da carne" que o 'eu posso', argumenta Ricoeur, se deixa pensar. Segundo o autor, "a carne é o conjunto coerente de meus poderes e de meus não-poderes; ao redor desse sistema dos possíveis carnis, o mundo se desdobra

abandonados, submersos em aniquilamento e solidão. A revolução sonhada desencadeia mais frustrações, submetendo-se aos acordos de cúpula, afastando-se dos planos traçados, dobrando-se diante das pressões e dificuldades.

A ditadura salazarista é alegorizada no envelhecimento e na demência do ministro Francisco que, impotente física e moralmente, pretende pôr em prática regras de um tempo histórico forjado na arbitrariedade e violência. A “bancarrota” material e subjetiva da personagem não oferece alento social novo e positivo. O pesadelo da história do País afeta o presente que paga alto tributo afetivo por longos anos de autoritarismo.

O espectro do corpo fascista impede futuros radiosos. As jovens personagens encontram-se emparedadas entre o arbítrio do passado, a miséria e a precariedade do presente. Os vestígios do passado

como conjunto de utensílios rebeldes ou dóceis, de permissões e de obstáculos.” (RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**. V.III. SP; Campinas: Papirus, 1997, p.387.) Em Lobo Antunes, a representação do corpo histórico e pessoal é a expressão do trágico e do grotesco, destinado ao esvaziamento e degradação. O corpo na obra antuniana estabelece a relação entre a dialética e a polifonia, entrevistas negativamente. O trágico e o bufo se encontram, entrelaçados na catástrofe e no riso, sem renovação e sem remissão das faltas e excessos espirituais e materiais. Nesse sentido, o corpo não possui um “caráter positivo e afirmativo” defendido pela teoria do “baixo material e corporal”, de M. Bakhtin. Para o autor russo, “o portavoiz do princípio material e corporal é o povo, um povo que na sua evolução cresce e se renova constantemente. Por isso o elemento corporal é tão magnífico, exagerado e infinito. Esse exagero tem um caráter positivo e afirmativo. O centro capital de todas essas imagens da vida corporal e material são a fertilidade, o crescimento e a superabundância.” (BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1996, p.19)

incorporam-se ao hoje, assinalando características múltiplas de pensamento e ação, em combate ora pela revogação do esquecimento, ora pela obliteração da lembrança. Passado e presente mesclam-se em carências e desejos. Conforme a percepção, as cicatrizes do corpo nacional abrem-se e fecham-se para o balanço da História, examinado, no entanto, como agonia, fracasso e derrisão.

As relações sob o fascismo são assinaladas pela truculência. Reproduzindo-se sob a ideologia do conluio e da violência oficial, a nação é criticada através dos gestos e falas do ministro Francisco que representa a História entendida monologicamente. Contudo, o território monolítico da ditadura é posto em xeque pela infidelidade da esposa Isabel. O uso da violência não arrefece a fragilidade do governante militar e latifundiário, confirmando rachaduras existentes mesmo em modelos políticos ditos inabaláveis.

O rompimento do casamento traduz, no âmbito da estrutura econômica e política, o desmembramento do território totalitário, emblematicamente representado pela “quinta de Palmela”. Ao abandonar o marido por uma personagem representante do capital produtivo-financeiro, Isabel intui um quadro econômico mais rentável, deixando para trás uma ordem socioidentitária estruturada na terra e na burocracia militar.

O 25 de Abril sugere o esfacelamento do modelo de Palmela. No entanto, ironizando o projeto revolucionário, o domínio da “quinta” passa a ser exercido por Pedro, amante de Isabel, reconduzindo-o novamente ao poder de decisão através do acúmulo econômico alcançado sob novas condições políticas.

Expulso da engrenagem amorosa e política, Francisco embriaga-se em gestos e palavras patéticos que procuram remontar o passado perdido, desaguando, todavia, na loucura e na morte. A ex-esposa do ministro é atingida igualmente pelo abandono e solidão, rememorando, com desalento, o casamento imposto e as opções aceitas para superá-lo.

A personagem Francisco soluciona patologicamente a partida de Isabel, travestindo a jovem amante Milá com as roupas da ex-esposa. Através de uma similaridade forçada, pretende a recomposição do amor perdido. A recuperação do poder, no plano conjugal e político, é desfeita pelo novo cenário do País.

Doença e revolução modificam os projetos de Francisco. Internado em uma clínica médica pelo filho, o ex-militar e ex-ministro anseia retornar ao comando do governo, expulsando os governantes atuais, convencido de que detém os melhores métodos para governar. Entre a demência e a lucidez, reafirma que possui direitos, condições e conhecimentos plenos para administrar a nação:

entrar no palácio que me cabe de direito, terminar com os abusos, colocar o Exército em sentido, enfiar essa bodega na ordem, governar este esterco, uns tabefes por aqui e por ali, os semanários caladinhos, o povo caladinho que é aquilo que ele gosta, pode crer que é aquilo que ele gosta, caladinhos e toca a andar que há-de haver neste país quem me siga, quem se lembre de mim e me respeite (1996, p. 403).

Tomado pelo delírio, o ex-latifundiário almeja

igualmente retomar suas terras, reconstruindo a vida com a esposa. A ausência de Isabel e a propriedade transformada num empreendimento turístico de luxo pelos familiares da nora Sofia tornam o projeto inviável.

A esquizofrenia do ex-ministro acelera-se com a perda do poder. Todavia, como membro da ditadura, Francisco utiliza-se da posição como mecanismo de pressão para satisfazer seus prazeres. Impune, trata as personagens femininas com violência, seguindo com gozo sádico o bordão: “faço tudo o que elas querem, mas nunca tiro o chapéu da cabeça para que saibam quem é o patrão.” (p.13) A frase revela ignorância, preconceito e prepotência, mostrando as limitações culturais do regime.

A infidelidade de Isabel macula o bordão. A subjugação imposta com brutalidade às demais mulheres não evita que Francisco seja tomado pelas lembranças da ex-esposa, fantasma que o transtorna até a morte. Também o filho João rememora, com dor, a ausência de Isabel. Atormentado pela falta da mãe, o rapaz é visto como uma personalidade apática e covarde. Para diminuir o menosprezo identitário e afetivo, João constrói uma embarcação que ressoa anacrônica e irônica à solução do sofrimento. O episódio parodia a nacionalidade portuguesa que, frente ao fracasso, à passividade e subserviência, delira com projeto econômico grandioso, revisitando como escárnio o período das descobertas como modelo de salvação à queda afetiva e patrimonial. A personagem expressa a metáfora de um Portugal obsessivamente sonhado, porém jamais concretizado.³

³ Portugal como um imenso manicômio, abrigando figuras histórico-

Obsessões, em diferentes graus, monopolizam as revelações de cada personagem, em diferentes momentos de suas vidas em **O manual dos inquisidores**. Entre diálogos interiores e declarações, Francisco é o catalisador dos fatos, rememorados, de forma plural, pelas demais personagens.

Conforme os interesses e lugares ocupados, o salazarismo e o 25 de Abril recebem valorações distintas. No romance, a noção de classe social apresenta-se como uma categoria importante. Como representantes da classe abastada, incentivados pela cúpula da Igreja, Sofia e família percebem a Revolução dos Cravos como um acontecimento diabólico que deve ser exorcizado. As ações e sentimentos da elite econômica, após a divulgação do 25 de Abril de 1974, são rememorados por Sofia:

minha mãe mandou fechar as portas e as janelas para os comunistas não entrarem assim sem mais nem menos, mandou o chofer esconder os automóveis na garagem, mandou as criadas para o quarto rezarem um terço pela conversão dos bolcheviques, a rádio declarou, num intervalo de hinos contra a Virgem, que prenderam o Presidente da República que o senhor bispo colocava ao nível de São Francisco

literárias, está expresso com evidência em **As naus**, romance paródico que alegoriza a identidade nacional, representada como reduto de loucos, miseráveis e doentes, combalidos pela História, mergulhados em perpétua resignação. A liturgia da nação é narrada com riso irônico-trágico. Na esperança do retorno de um D. Sebastião redentor, as personagens, com olhares delirantes, aguardam à beira-mar “os relinchos de um cavalo impossível” (ANTUNES, António Lobo. **As naus**. Lisboa: Dom Quixote, 1988, p.179).

Xavier e que iam soltar da cadeia os assassinos e os violadores, o telefone não parava de tinir e eram os primos, preocupadíssimos, coitados a sofrerem vexames na companhia de seguros, no escritório, na imobiliária, no banco, com os contínuos e os escriturários a invadirem-lhe sem autorização o gabinete onde tentavam à pressa transferir alguns tostões para Zurique, invadirem-lhe o gabinete aos palavrões gatunos sabotadores fascistas, a tratarem-nos por você como se os tivessem criado na mesma família em vez de senhor administrador, de senhor doutor, arrancando-lhes à bruta o telefone das mãos, pedindo à tropa para os algemar e fuzilar em Caxias (1996, p. 69-70).

O depoimento soa duplamente irônico: em primeiro lugar em vista do que realmente se desenvolvia no período, causando medo aos que tinham posses; em segundo, em virtude da valorização excessiva do evento, uma vez que, examinado numa outra perspectiva temporal, as mudanças foram desmentidas pela evolução dos fatos. Confrontado com as lembranças das demais personagens, igualmente ressoa o deboche.

Nas declarações de Sofia, a Revolução é um pesadelo, manipulada, segundo a personagem, por militares sujos e desalinhados que se enganam ao encarcerar os inocentes e prestativos parentes:

uma matilha de soldados pavorosos, maltrapilhos, de barbas e cabelos compridos, de funcionários da companhia de seguros, do escritório, da imobiliária, do banco,

enxovalharam os meus tios de tudo quanto há, tiraram-lhes relógios e a carteira, amarraram-lhes os pulsos como se fossem criminosos e arrastaram-nos para Caxias, para Peniche, para Monsanto, para o lugar dos homicidas que andavam, juntamente com os pobres, a ocupar casas em Lisboa, e como diz o senhor prior para que é que um pobre quer um andar na Lapa, para que é que um pobre um andar no Príncipe Real, para que é que um pobre quer ar condicionado e talheres e elevadores se não sabe servir-se deles, íamos ver os meus tios... os meus tios que nunca mataram uma mosca, pelo contrário, criaram escolas para ensinar os ceguinhos ler nos buracos, para os deficientes das duas pernas, para os corcundas órfãos, interessaram-se imenso pelos pretos, que são iguais à gente... (1996, 70-71).

Os valores deflagrados pelo comentário sintetizam um posicionamento particular que preserva um modelo de representação social, ratificado pela autoridade religiosa. A avaliação ressoa irônica e estende-se ao conjunto da sociedade. A palavra final é a do preconceito.

Os comentários de Sofia acerca das transformações políticas coadunam-se com os depoimentos da personagem Pedro, proprietário de bancos e empresas, preso pelos “capitães de Abril”. Os relatos confirmam preconceitos e demonstram intolerância com os atores da mudança. Ao mesmo tempo, o discurso da personagem explora as confusões dos promotores do golpe, revelando o desconhecimento do material histórico e cultural ao enxertar cartilhas que desconhecem a realidade do país.

A revolução está condicionada aos excessos da transformação. O grau de violência depende da resistência dos atores em combate. A revolução radical é aquela que põe todo o sistema em risco, alterando a estrutura social e sua composição hierárquica. Nessa perspectiva, o processo revolucionário abarca situações que acabam por provocar temores socialmente generalizados através da reação das classes expropriadas, incentivadas pelos donos dos meios de comunicação.

Em **O manual dos inquisidores**, a ruptura revolucionária ecoa como zombaria destinada a destronar uma identidade nacional que padece do anacronismo e exotismo, circunscrita ainda por um anticomunismo epidérmico. Pela desproporção dada ao evento revolucionário, os comentários de Sofia soam patéticos, reduzidos ao riso. Todavia, a avaliação não desmente o terror da classe dominante quando ameaçada em suas posses.⁴ Durante a instalação do novo regime político, Sofia recorda as atitudes dos familiares em fuga para a Espanha a fim de evitar a prisão e a perda dos bens:

e nessa mesma noite, apesar de Maio, apesar do calor, vestimos casacos de peles uns por cima dos outros, pusemos nos dedos todos os anéis que conseguimos, enchumámos os soutiens de libras de ouro e de colares, descemos as escadas

⁴ Na primeira eleição direta à presidência no Brasil, em 1989, após o golpe militar de 1964, o então presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, Mário Amato, afirma que se o candidato do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio Lula da Silva vencesse as eleições, os empresários deixariam o País. O número de empresários especificados pelo presidente da entidade foi de 800 mil.

a tilintar de pulseiras como mealheiros atestados, apértamo-nos em dois Mercedes pesadíssimos de malas com terrinas da Companhia das Índias e castiçais italianos, só descansamos em Madrid, aterradas, esfomeadas, sem saber o que fazer, e no entanto ninguém nos obrigou a parar durante a viagem, não existiam tanques soviéticos no Alentejo nem homens de gorro de astrakan e botas de bailarinos caucasianos a tocarem balalaika e a vigiarem a estrada... (1996, p.72).

O desconforto provocado pelo 25 de Abril, lembrado por Sofia como obra do comunismo soviético a destronar burgueses, alça ao poder operários mal-educados, não alcançando a Revolução o seu intento. A personagem Odete, ex-empregada da quinta de Palmela, moradora com a família num bairro periférico de Lisboa, comenta sobre a situação do País pós-revolução:

a vida continuava como antes dos foguetes, dos morteiros, do acordeão do café e dos discursos sobre casas de graça e liberdade, os mesmos reformados nos bancos, os mesmos vendedores de peixe sem clientes, os mesmos camponeses aguardando que um capataz se condoesse, o mesmo mercado deserto, as mesmas conversas de mulheres (1996, p. 38).

A festa pela queda do fascismo salazarista e a conseqüente promessa de um futuro menos penoso, expressas na construção de melhores condições materiais de existência, são repudiadas pela

personagem. Passada a euforia da mudança, Portugal aparece outra vez como território embriagado pela paralisia econômica. As alternativas suspensas desencadeiam desalento, reafirmando um País incapaz de superar sua condição marginal, favorecendo uma imagem desastrada de si mesmo.

Um tempo histórico preso ora à inércia, ora à euforia, descontrolado ou simplesmente morto, é simbolizado no relógio de parede que ornamenta a moradia da família de Odete. O aparelho mimetiza as variações e nuances do tempo político português após o 25 de Abril.

A euforia revolucionária é expressa pelo desgoverno do relógio. Igualmente expõe as dificuldades de um projeto social sabotado por múltiplos interesses antagônicos. De outro modo, as tentativas de conserto do aparelho soam como falsas expectativas. O funcionamento aleatório do relógio, ora adiantando a marcação das horas, ora atrasando-as, indica a desorganização da ordem social, incontrolável frente aos ritmos do novo período. A morte da revolução é simbolizada no relógio destruído⁵.

⁵ Um dos aspectos recorrentes na obra de Lobo Antunes é a presença dos relógios, indicando múltiplas alegorias do tempo, relacionado ao estado pessoal e social. Esse pormenor de índole semântica prossegue com sentidos diversos, informando, nos 15 romances publicados, obsessões reiteradas, insistindo no desarranjo axiológico dos princípios em relação ao contexto social e político. Em *O manual...*, o relógio, na voz da filha do caseiro, funciona como termômetro dos dias e meses seguidos ao 25 de Abril: “o meu pai, voltado para as ilhazitas de ervas e os barcos podres do Tejo, sem reparar nas ilhas nem nos barcos, e agora acendiam foguetes na rua, entravam estoiros e clarões, a rádio estilhaçava em cantorias, os automóveis buzonavam, as fábricas apitavam sem cessar...Não eram só foguetes, eram morteiros que abanavam os alicerces e enganavam o cuco do relógio que largou a pingar horas sem parar, escancarava o alçapão curvava-se numa vênica piava trancava o

Também a personalidade indecisa e frágil da personagem João assinala um tempo de transição. Um processo jurídico fraudulento movido pela família da esposa Sofia leva João à perda da propriedade do pai. Acusado de colaboração comunista e fraude nas empresas dos parentes da ex-mulher, o filho do ministro é demitido do emprego que jamais exercera, cumprindo apenas o papel imposto pelo sogro. Anos depois, a fragilidade de João comove Lina, funcionária da clínica onde se encontra internada Albertina, ex-governanta da “quinta de Palmela”. Os destinos entrelaçados fornecem subsídios para examinar os efeitos da História do País sobre as personagens que se dividem entre um passado visto com falsa alegria e um presente desolador.

O passado é revitalizado na voz da governanta Albertina. Como os demais empregados da “quinta de Palmela”, Titina, como é chamada por João na infância, é expulsa da propriedade por Francisco que a enxergera como conspiradora comunista. A expulsão da “quinta” não impede a empregada de alimentar, anos depois, a concretização de dois sonhos secretos: a paixão pelo patrão e o acolhimento de João como filho. Albertina está convencida de que o ex-patrão e João necessitam dela e irão, em breve, tirá-la da clínica para que, outra vez, comande o espaço doméstico.

Os devaneios de Titina não se concretizam. João, ao visitar a mãe Isabel, internada na mesma clínica, não reconhece a governanta que cuidara dele zelosamente

alçapão, escancarava o alçapão, o meu pai danado com o pássaro: - Não tarda um segundo torço as goelas àquilo. O marido da prima da minha mãe enlouquecido pelo piar das horas a jogar a garrafa ao relógio: - Cabrão do cuco. O pássaro cessou imediatamente de piar e pendurou-se de uma mola como um enforcado”(p. 32-34).

na infância, estranhando os olhares curiosos da ex-empregada. A indiferença de João é a punição ao passado de Albertina quando, muitos anos antes, ela colaborara com Francisco no seqüestro da criança da cozinheira Idalete, usurpando-a da condição de mãe.

A incapacidade de seduzir Francisco conduz Albertina a gestos cruéis cuja vítima é Idalete. Ao entregar-se aos apelos sexuais do ministro, a cozinheira provoca ira e inveja na governanta que, por vingança, seqüestra a filha da empregada recém nascida. A maldade da governanta referenda um quadro social acometido pela barbárie. A sujeição do médico-veterinário às ordens do ministro para que realize o parto da jovem cozinheira, mesmo em condições precárias, reafirma o estado social autoritário. A submissão revela igualmente interesses particulares do médico. Atento à promoção profissional, acata com obediência a solicitação do governante.

O resultado do parto clandestino é a presença da personagem Paula que, onze anos depois, depara-se com o pai, figura expoente do regime salazarista. Educada por uma senhora que vivera 26 anos na África, a menina filia-se às personagens vítimas da arbitrariedade. Como filha de um importante membro do governo, Paula é bajulada e fustigada por sua filiação. Os efeitos do regime autoritário estendem-se muito além do período vigente, não se esgotando na dissolução oficial das datas ou na passagem do tempo. Os efeitos da extensão imensurável do autoritarismo estão expressos nas ações das personagens. A potência trágica da opressão e da miséria é evocada no suicídio da “madrinha”, mãe adotiva de Paula.

As personagens Francisco e Albertina representam a vontade do reordenamento espacial perdido. O Portugal

das duas figuras é narrado simetricamente. No âmbito doméstico, a governanta é a mãe protetora dos bens da nação, dirigindo com fidelidade cega a propriedade rural. Francisco representa o pai da nação, cuidando o País dos perigos externos. Entrelaçados, ambos alegorizam a casa portuguesa, acolhedora dos filhos que, agradecidos, dedicam-se à manutenção da ordem social. A imagem da valorização da pátria, da família e da propriedade, é atacada por Lobo Antunes que parodia a trama do regime salazarista. Desmascara-se a farsa ao mostrar a violência do período e seus efeitos, culminando na ruína moral e material das personagens.

O romance denuncia a existência de múltiplos gestos autoritários que persistem. A luta entre esquecimento e memória, entre verdades e mentiras, constitui-se em paradigma importante. Os fragmentos expostos por diferentes personagens não escapam à contaminação da totalidade social. A valorização da multiplicidade discursiva intenciona expor a voz de uma História que, frente aos enganos ou não dos indivíduos, deve ser lida criticamente.

Em que pese os questionamentos da História e dos indivíduos, informando a complexidade do universo social, necessidade, interesse material e ignorância regulam as reflexões das personagens. Pobreza e riqueza dividem as atenções, revelando vantagens de alguns e dificuldades de muitos. A dicotomia contamina personagens que procuram de todas as maneiras a superação de sua condição. A ascensão econômica é perseguida sem escrúpulos. O empresário Pedro mata o pai para aumentar o patrimônio. A personagem Dora, dona de uma precária loja nos arredores de Lisboa,

incentiva a filha Milá a corresponder aos anseios do ministro Francisco, oferecendo-a como mercadoria ao amante em virtude das chances de ascensão social. A jovem Milá acata as decisões da mãe, recordando, em seus comentários, os amores na periferia com contrabandistas, drogados e os beijos indigestos do ministro.

Considerações finais

No romance de Lobo Antunes, as contradições e polêmicas anunciam ainda mais o caráter destrutivo de uma ordem social balizada pela exploração e ganância. O pessimismo existencial que refluí da escrita do autor deriva da negação de um contexto histórico, marcado por corrupção, autoritarismo, guerras e desigualdade material e cultural. A superação do preconceito e da opressão é incentivada por uma escrita negativa que recusa absolver a coletividade de suas responsabilidades frente aos desafios de um outro universo menos violento e competitivo.

A polifonia crítica do autor avalia o funcionamento moral e social de homens e mulheres para que não mais se tornem carrascos ou vítimas, vencedores ou vencidos, da intolerância política, econômica e cultural. O romance polifônico antuniano parodia grotesca e tragicamente os destinos nacionais e familiares, escolhendo sentidos imagéticos negativos para ativar uma consciência histórica e individual mais elucidativa. Com ironia, o autor recusa conteúdos narrativos que contenham indícios de felicidade, encerrando-os numa perspectiva exclusivamente degradada.

Referências

ANTUNES, António Lobo. **As naus**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

_____. **O manual dos inquisidores**. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1994.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Campinas: SP: Papyrus, 1997.